

274

MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA PARA EVENTOS MARCANTES, CENAS DE INFÂNCIA E CENAS DE ADOLESCÊNCIA. Luciano da Silva Alencastro, Carolina Tonial, William Barbosa Gomes (orient.) (UFRGS).

Este estudo investigou as propriedades que os participantes atribuíram às suas memórias autobiográficas produzidas em resposta a três tarefas: lembrar de qualquer evento marcante de vida, lembrar de uma cena de infância, e lembrar de uma cena de adolescência. Para cada tarefa, o participante preencheu uma escala likert de sete pontos, para 21 itens na forma de afirmações a respeito de características do processo de lembrar um episódio autobiográfico. A amostra constou de 50 estudantes universitários (33 mulheres, 66%), com idade média de 23, 4 anos. As médias dos escores dos itens no total de 150 eventos foram comparadas tendo as três tarefas de memória autobiográfica como fatores. A análise de variância apontou diferenças significativas ($p < 0, 01$) nas variáveis evento significativo ($F=7, 46$); intensidade emocional ($F=5, 58$); e conversei sobre o evento ($F=5, 02$); a variável pensei sobre o evento também apresentou diferença significativa ($F=3, 57$; $p < 0, 05$). Nas duas primeiras, o evento marcante teve média mais alta; nas variáveis conversei e pensei sobre o evento a média maior foi para a cena de adolescência. Os itens em que os eventos marcantes tiveram médias maiores são propriedades que o sujeito atribui presentemente ao evento passado. As duas propriedades atribuídas aos eventos relativas ao ensaio repetido – pensei e conversei sobre o evento – tiveram médias maiores para a cena de adolescência. Os eventos da adolescência podem ser mais repetidamente ensaiados por estarem relacionados à formação da identidade. Contudo, o item "o evento diz muito sobre quem eu sou" não diferenciou significativamente a cena de adolescência dos outros eventos. Assim, a centralidade do evento para a identidade não parece ser condição para a frequência de ensaio de eventos da adolescência. (PIBIC).

275

CONVERSAÇÃO INTERNA E MODOS EXPRESSIVOS DA CONSCIÊNCIA. *Amanda da Costa da Silveira, Mariane Lima de Souza, William Barbosa Gomes (orient.)* (UFRGS).

A conversação interna é vista como um importante processo cognitivo na base dos pensamentos, sentimentos e comportamentos. Estudos recentes associam a conversação interna à atividade do hemisfério cerebral esquerdo; à competência em resolução de problemas; à construção do autoconceito e à construção da auto-imagem. Com tais características, a conversação interna se revela uma promissora fonte de informações na investigação dos mecanismos usados pela consciência para pensar sobre si. Mas, embora centrados na relação entre conversação interna e autoconsciência, são praticamente inexistentes os estudos voltados para a forma e o conteúdo dessas conversações. Este estudo focalizou os modos de operação da conversação interna enquanto processo reflexivo de autoconsciência. O objetivo foi investigar os modos comunicacionais (forma e conteúdo) que a consciência utiliza ao expressar-se para si. Participaram do estudo 10 adultos, que foram instruídos a falar em voz alta o que pensavam enquanto resolviam o Teste de Matrizes Progressivas de Raven – Escala Avançada. As falas foram gravadas e transcritas. Os dados obtidos foram submetidos a uma microanálise qualitativa, conforme os critérios da análise fenomenológico-semiótica. Os resultados confirmaram o método do pensamento em voz alta com o uso do Teste de Matrizes Progressivas como uma ferramenta eficaz na investigação da conversação interna. Além disso, os achados corroboraram estudos anteriores que apontam que a conversação interna aumenta à medida em que aumenta o grau de dificuldade da tarefa. A análise das falas dos participantes revelou a preponderância de um modo de operação da conversação interna: as falas envolvem uma interrogativa, seguida de uma negação (forma). Essa evidência confirma achados de estudos anteriores e pode ser interpretada como indicativa de um modo comunicacional dialógico (conteúdo), caracterizado como processo reflexivo e utilizado pela consciência ao expressar-se para si. (BIC).

276

O SENTIDO DA VIDA. *Aloir Marcos Dietz, José Augusto Evangelho Hernandez (orient.)* (ULBRA).

O presente trabalho tem como objetivo avaliar as pessoas que estão no processo de Formação Lassalista conforme os paradigmas da Logoterapia. Em outras palavras, pretende verificar se existe relação entre os diversos estágios da formação para a vida religiosa Lassalista e o nível de satisfação, sentido de vida e auto-realização. Estas informações devem contribuir para a avaliação e qualificação do processo formativo dos futuros membros da vida religiosa. Trata-se de uma pesquisa transversal tipo correlacional, no momento, a mesma está na fase de coleta de dados, contudo estará concluída na data de realização deste Salão. Está sendo examinada a população dos candidatos à vida religiosa que estão na faixa etária de 14 a 30 anos, frequentam desde o ensino médio até a universidade, num total de 150 pessoas. São jovens oriundos das mais diversas partes do Brasil e, hoje, residem na Grande Porto Alegre e Carazinho, com exceção do grupo denominado Jovens Irmãos que está distribuído nas seguintes cidades: São Miguel do Oeste e Xanxerê (SC), Cerro Largo e Carazinho, Pelotas (RS), Brasília e Belém. Estão sendo usados os seguintes instrumentos para a coleta dos dados: *PIL-Test (Purpose-In-Life test)* de autoria de Crumbaugh e Maholick (1969), inspirado na obra de Victor Frankl; o Logotest de Elizabeth Lukas (1986), também influenciado pela visão de Victor Frankl; e, o Breve Índice de Auto-Realização, inspirado na teoria de Maslow. Os sujeitos estão sendo examinados nas diversas casas de formação religiosa, preferencialmente, em grupos. Os dados coletados serão processados no SPSS, versão 11.5, por meio de técnicas estatísticas descritivas, análises de variâncias e coeficientes de correlação de Pearson. Na discussão dos resultados serão buscadas explicações, a luz da logoterapia de Frankl, para as possíveis relações entre as variáveis investigadas.

277

LÁPIS-E-PAPEL OU COMPUTADOR? COMPARAÇÃO ENTRE DUAS FORMAS DE APLICAÇÃO DO PERSONAL POSITION REPERTOIRE. *Manoela Ziebell de Oliveira, Mariane Lima de Souza, William Barbosa Gomes (orient.)* (UFRGS).

Acompanhando a tendência dos estudos atuais em avaliação psicológica e visando simplificar aplicação e levantamento dos resultados de um instrumento em fase de adaptação para o Brasil, a proposta deste estudo foi comparar a versão informatizada e a lápis-e-papel do instrumento de mapeamento do self, denominado *Personal Position Repertoire* (PPR). Para responder o instrumento, o participante estima a extensão (através de escala Likert – 0 a 5) da relação entre cada posicionamento interno (“eu como profissional”; “minha consciência”, etc.) e o externo (“meu pai”; “minha mãe”; “meu colega”; “minha casa”, etc.) correspondente, em sua experiência. O resultado é uma matriz, em que a soma dos valores em cada linha fornece a medida da relação de um posicionamento interno com todos os externos. Da mesma forma, a soma dos valores em cada coluna fornece a medida da relação de um posicionamento externo com todos os internos. Participaram do estudo 50 estudantes universitários. Os participantes foram divididos em dois grupos: G1 respondeu primeiramente a versão papel-e-lápis e, em seguida, a versão computador, enquanto G2 respondeu ambas na ordem inversa. Ao final das duas aplicações, os participantes foram solicitados a comentar sua impressão sobre cada versão. Analisou-se a média simples do número de itens escolhidos pelo respondente em cada versão, verificou-se a recorrência do item nas duas versões e analisou-se as avaliações do participante. Os resultados indicaram não haver diferença significativa entre as médias de itens escolhidos pelos participantes em cada versão, ainda que o tempo de resposta na versão informatizada fosse menor. Os participantes